

JOSÉ CARDOSO PIRES:

PRÉMIO CAMILO CASTELO BRANCO 1963/1964

Da primeira vez que procurei José Cardoso Pires em sua casa, ele não estava. A criada disse-me que entrasse, que «o senhor» não devia tardar. E introduziu-me numa ampla sala, cheia de luz e vida interior. Neste feitiço que já me vai caracterizando, comecei de tomar notas, para aproveitar o tempo: um retrato do escritor feito por Júlio Pomar, um outro da sua esposa, executado por Alice Jorge; um quadro de Querubim Lapa e um desenho de Portinari, com amistosa dedicatória; sobre o fogão, um busto de Lagoa Henriques; noutra canto, vê-se uma curiosa «Última Ceia», em barro, rica em todos os pormenores. Na mesma sala, que serve de sala de estar e de jantar, existe um aparelho de televisão, um rádio e um pic-up. Vêem-se discos, bastantes discos, mas nem sequer um livro.

Estava a anotar estes pormenores, quando me apareceu a filha mais velha de Cardoso Pires, a Ana. Tem sete anos, anda na segunda classe, e é tão simpática quanto inteligente.

Apresentou-se-me com um jovial «Olá!» e apresentou-me o seu gato, que completou três meses, e dá pelo nome de «Xavier». Falou-me da sua irmã mais nova, a Rita (mais tarde vim a saber que questionam muitas vezes), falou-me da mamã, do papá, e em conjunto comentámos o programa da Televisão que no momento começava de ser transmitido...

Entretanto, chega a esposa do escritor. Explica-me que o seu marido tinha ido para o Estoril, talvez para a praia, na companhia do secretário da editora Lericci, de Milão, onde saiu a primeira edição do romance *O Hóspede de Job* (*l'Ospite di Giobbe*), que acaba de ser galardoado com o maior prémio nacional hoje em dia concedido aos nossos escritores: o Prémio «Camilo Castelo Branco de 1963/64». Pergunta-me qual a bebida que desejo; serve-me whisky; oferece-me tabaco. Enquanto fumo, vou-lhe dirigindo perguntas, já com mira nesta crónica. Pergunto-lhe, por exemplo, como reagiu perante a atribuição do prémio... E a Senhora de Cardoso

Pires responde com a maior simplicidade: «Ele não estava em casa. Quando recebi o telefonema a comunicar a boa nova, fiquei surpreendida e encantada». Por ela fico ainda a saber que José Cardoso Pires gosta de trabalhar duma assentada, durante oito ou quinze dias seguidos. Que se isola sempre e apenas trabalha em casa. Utiliza canetas ou esferográficas que escrevam fino, porque tem uma letra miudinha. Que, enquanto escreve, come pouco, embora beba muito leite. Nessas ocasiões dorme apenas o indispensável. Todos os dias fuma três maços de cigarros, sobretudo ingleses.

A conversa continua. Gentil, sempre sorridente, a esposa do escritor vai respondendo ao que pergunto. A certa altura, bebo mais um trago de whisky e ela, talvez por associação de ideias, diz-me que também é o whisky a bebida das preferências do marido. Mostro, mais tarde, interesse em visitar o gabinete de trabalho de Cardoso Pires. Solicita, leva-me então ao seu escritório...

● «O HÓSPEDE DE JOB» TEVE TRÊS VERSÕES

Entrámos no escritório. É o escritório de José Cardoso Pires, forrado de livros, debruado de quadros e imagens, exemplifica



José Cardoso Pires trabalha em casa: aqui o vemos ao lado duma escultura de Jorge Vieira.



O autor de «Hóspede de Job» no bairro de Hampstead, em Londres. Esta é a cidade da Europa que o escritor prefere depois de Lisboa.

bem a sua intensa actividade intelectual. Aqui é uma valiosa Santa Ana, do séc. XVI, a ensinar a ler o Menino Deus; ali é Santa Maria Madalena, em talha de madeira, também do século XVI; ao alto, num canto, admira-se uma escultura de João Cutileiro; e outros quadros e outras peças, que já não recordo bem, por lá estão. Nos livros predominam enciclopédias e dicionários. Encontro uma edição rara com «Sermões» do Padre António Vieira, datada de 1690; a primeira e a mais recente edição de Casanova (a célebre Brockhaus). Dos prosadores portugueses o autor de *O Hóspede de Job* prefere Fernão Mendes Pinto (à cabeça), Gil Vicente, Camões, Cavaleiro de Oliveira, D. Luís da Cunha, Camilo, o Garrett das Viagens na Minha Ter-

ra, Raul Brandão e Aquilino, entre os clássicos; Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca e Irene Lisboa, dos contemporâneos. Dos prosadores estrangeiros salientam-se Lawrence Durrell, Nabokov, Italo Calvino e Gunter Gass. Lê as obras quase sempre na língua original, em francês, inglês ou italiano; também lê em espanhol, embora lhe custe mais um pouco.

Verifico que Cardoso Pires toma diversas notas nos livros que lê, sobretudo de ensaística, onde deixa muitas vezes papéis com breves anotações. Sua esposa vai-me facultando tudo quanto a minha insaciável curiosidade deseja examinar. Mostra-me os originais, emendados, rasurados; mostra-me as provas tipográficas da 2.ª edição de *O Hóspede de Job*, a sair dentro de dias, e da 3.ª edição (9.º milhar) da novela *O Anjo Ancorado*, que virá a público no começo do próximo ano; e diz-me que ele corrige muito, corrige continuamente, chega a pedir cinco provas à tipografia.

Falo-lhe no romance agora premiado.

Desse romance escrito, conforme disse um dos nossos críticos, em «sketches» sucessivos, sem ter ainda em vista a montagem que iria surgir naturalmente. E fico a saber que teve três versões diferentes, intervaladas por vários anos. Ainda nesta edição Cardoso Pires volta a fazer anotações, correcções, e algumas bem diferentes. O seu processo de trabalho é, sem dúvida, cuidadoso, lúcido, incapaz duma tração, de qualquer fuga, ou autodes-

● continua na pág. 31

JOSÉ CARDOSO PIRES

(Continuação da pág. 6)

culpa. Creio que este método e este domínio têm certas afinidades e serão mesmo uma das resultantes do Curso de Matemática que chegou a frequentar na Universidade.

● CRIADOR DO MARIALVISMO

Também pela Senhora de Cardoso Pires sei que ele foi católico e que hoje, depois de razões longamente ponderadas — segundo afirma —, é ateu. Sobre tudo porque detesta sectarismos religiosos ou anti-religiosos. Pergunto também por que razão consentiu ele em publicar edições de público tão restrito como a da Cartilha do Marialva (o que lhe valeu que um crítico lhe chamasse «escritor para milionários»). E a Senhora responde: «O Zé não se interessa que digam essas coisas. Talvez se justifique por não ter pressas de publicar, ou por ter feito sair apenas 300 exemplares da Cartilha do Marialva, um livro que, por natureza, tem de ser de público restrito.» Lembro-me então que José Cardoso Pires foi o criador da interpretação sociológica conhecida por marialvismo, ou, pelo menos, desta curiosa, estranha e inédita expressão de marialvismo que caracteriza o tipo actual do português provinciano, cheio de preconceitos medievais, tão nitidamente presente nos seus últimos livros.

As vezes estas crónicas levam mais tempo a escrever que a preparar. Foi talvez o caso desta.

Antes de me encontrar com José Cardoso Pires quase colhi todos os elementos necessários. Por intermédio da esposa, conheci a vida do escritor. Soube ainda que trabalhou sempre ligado a editoriais, que é actualmente director da Enciclopédia «Pléiade», a publicar brevemente em língua portuguesa. Que vai pouco ao teatro e ao cinema e que muito raramente vê um filme até ao fim. Logo que deixa de lhe interessar, abandona a sala... a esposa ou os amigos, depois, contar-lhe-ão o resto...

Da primeira vez que procurei José Cardoso Pires em sua casa ele não estava. Entrou mais tarde, meia hora ou três quartos de hora depois. É um homem de estatura meã, queimado pelo sol, duro de aparência, afável no trato, a dar a impressão de andar sempre apressado. Conta 38 anos. Recebeu-me, pedindo mil desculpas, que não me sabia lá em casa, que estava à minha inteira disposição. Mas, em boa verdade, para encher uma página, eu já não queria mais nada.

No dia seguinte voltei a visitá-lo. A pedir duas fotografias e a ter, desta vez com o próprio, uma longa conversa — sobre literatura, sobre viagens, sobre alguns temas de filosofia, sobre processos de estruturação editorial — uma longa conversa que já não tem qualquer interesse para este breve apontamento.

RICARDO DE SAAVEDRA